

## O Senhor Comandante

4-10

A GENTE vê tanta coisa na Argentina melhor e mais confortável que no Brasil que até se espanta quando vê alguma coisa pior. Pois há uma, fora de qualquer dúvida: o transporte aéreo dentro do país.

Creio que na Argentina uma empresa oficial — a Aerolíneas — tem o monopólio das linhas domésticas. Criada e mantida por governos mais ou menos ditatoriais, ela deve ter sofrido os males próprios de uma organização estatal não passível de crítica. O fato é que um freguês das companhias brasileiras — mesmo das mais humildes — estranha quando tem de viajar dentro da Argentina. Tive a infelicidade de fazer uma viagem de 9 horas (devido a numerosas paradas) e tudo que me foi servido a bordo foi uma xícara de café. Além disso, postos em fila no aeroporto de embarque, todos os passageiros eram chamados pelo nome e o mesmo sucedia em cada pouso, mesmo aos passageiros em trânsito. Como a viagem foi feita a partir das 3 da madrugada, só pelas 8 ou 9 encontramos alguma coisa para tomar ou comer em terra. Além disso, em cada parada acontecia uma coisa cômica. Uma voz pelo alto-falante visava que os passageiros deviam permanecer em suas poltronas... até a saída do senhor comandante.

Ficávamos parados esperando. Abria-se a porta da cabine de comando, surgia o comandante; detinha-se um instante para apanhar seu quêpi, colocava-o lentamente na cabeça e depois passava entre nossas poltronas com um importante de Vittorio de Sicca fazendo o «maresciallo di carabinieri» do ar. Só depois que ele descia ousávamos pensar em sair também...

Na volta, em um avião direto, havia jantar. Mas era gelado e péssimo, além de mal servido; vinha dentro de um saquinho acompanhado de um copo de água e de um copo de vinho — e isso não cabia no pequeno prato que nos era fornecido.

Acostumados ao conforto e à cortesia das companhias brasileiras, eu e um patrício que viajava comigo resolvemos achar graça em tudo — mesmo porque havíamos tomado o cuidado de trazer nosso próprio uísque para enfrentar a situação.

A culpa, evidentemente, não era do pessoal, era do regime. O comandante como que personificava o próprio Perón. Duvidamos muito que lá dentro ele passasse aquela viagem inteira de ida com um simples cafezinho e que na volta o maroto não jantasse nada melhor que aquela coxa de galinha petrificada pelo frio.

O «señor capitán» ficou sendo para nós o símbolo de um regime que, através de duras lutas, erros e sacrifícios, a Argentina vai liquidando e deixando para trás: